



GT16. Produção do espaço urbano numa perspectiva crítica

MODERNIZAÇÃO E RESISTÊNCIA:

O Projeto Novo Centro e a Feira Livre da Rua Marechal Deodoro em Feira de Santana (BA)¹

Pedro Henrique Lima de Lima
Graduando em Geografia pela UEFS
Bolsista de Iniciação Científica (FAPESB)
phenriqueuefs@gmail.com

RESUMO: A feira-livre da Rua Marechal Deodoro desempenha um papel essencial na economia e cultura de Feira de Santana, contribuindo para a vitalidade e diversidade urbana. Representando uma forma histórica de resistência, essa feira influencia a forma como os moradores utilizam e percebem o espaço da cidade. No entanto, o poder público de Feira de Santana adota um discurso de modernização para justificar o Projeto Novo Centro, que visa requalificar o centro da cidade. Esse discurso de modernização busca transformar o comércio informal e alterar a configuração do espaço urbano, o que levanta questões sobre a preservação das práticas comerciais locais e a verdadeira intenção por trás das políticas de requalificação.

Palavras-chave: Produção do espaço urbano, Modernização, Resistência, Feira de Santana

1. INTRODUÇÃO

A produção do espaço urbano de Feira de Santana é um processo complexo e dinâmico, fortemente influenciado por intervenções urbanas e práticas econômicas locais. O

¹Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), desenvolvida no Núcleo de Pesquisa e Análises sobre o Território (NUPAT), sob orientação da Dra. Alessandra Oliveira Teles (UEFS).

projeto "A Produção do Espaço Urbano a partir do Comércio do Centro de Feira de Santana", desenvolvida no Núcleo de Pesquisa e Análises Sobre o Território (NUPAT), visa explorar essas dinâmicas, com ênfase no impacto do Projeto Novo Centro sobre o comércio do centro da cidade.

Um dos principais objetivos desta pesquisa é traçar o histórico das feiras-livres do centro de Feira de Santana, destacando sua importância econômica e cultural ao longo do tempo. O estudo busca também analisar o processo de resistência dos trabalhadores afetados pelo Projeto Novo Centro, que visa requalificar o espaço urbano e deslocar as feiras-livres para outras áreas.

Para alcançar esses objetivos, a metodologia inclui uma revisão de literatura relevante sobre o tema, análise de documentos históricos e jornalísticos, além de trabalhos de campo para observar e entender as dinâmicas atuais e as respostas dos trabalhadores às mudanças propostas. Esta abordagem integrada permitirá uma compreensão aprofundada das transformações urbanas e suas repercussões sobre o comércio local e a comunidade.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Feira de Santana é um município destacado por seu comércio relevante. A formação territorial do município é profundamente influenciada por suas feiras de gado, devido à sua localização estratégica como ponto de passagem obrigatório para tropeiros e vaqueiros que viajavam do sertão ao litoral baiano. Esse fluxo constante de pessoas e mercadorias fomentou o crescimento da cidade, de maneira semelhante a outros municípios do nordeste brasileiro, conforme afirma Carvalho (1958).

No século XX, a Feira de Santana tinha como expressão significativa dessa pujança a Feira-Livre Central, situada na Avenida Getúlio Vargas. A feira livre desempenhou um papel crucial na vida social e econômica da cidade desde sua formação. Segundo Carvalho (1958), a feira era um evento central que transformava a dinâmica da cidade, não apenas economicamente, mas também como um espaço de interação social e cultural.

Na década de 1960, após o golpe de 1964, houve um processo de reconfiguração na dinâmica urbana. As iniciativas de modernização, guiadas pelo planejamento estatal da Ditadura Civil-Militar, resultaram em intervenções urbanas, como o Projeto Cabana, que buscou transferir a feira-livre do centro para o Centro de Abastecimento em 1977. Segundo Freitas (2009), Feira de Santana desenvolveu-se como um importante centro de convergência regional, com a capacidade de concentrar uma quantidade significativa de bens e serviços, inicialmente alicerçada na pecuária e, posteriormente, nos setores secundário e terciário.

Feira de Santana beneficiou-se significativamente dos incentivos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que tinham como objetivo “corrigir” as desigualdades entre as regiões Nordeste e Sudeste-Sul do Brasil, especialmente na década de 1970. Esse período foi marcado pela implantação do Centro Industrial Subaé (CIS), um marco importante na modernização industrial da cidade. Inaugurado em 1970 e localizado no Bairro do Tomba, próximo à BR 324, o CIS usufruiu de incentivos fiscais do Fundo de Investimentos do Nordeste (FINOR) e da SUDENE. Esses incentivos foram fundamentais para atrair indústrias para a região, transformando-a em um centro de produção de bens finais e intermediários, com um setor diversificado (Freitas, 2009).

Como argumenta Souza (2023), o "desenvolvimento" de Feira de Santana reflete o modelo de planejamento da ditadura militar brasileira. Observa que "O estudo da história política contemporânea de Feira de Santana é necessário por possibilitar a análise do desenvolvimento tardio do capitalismo em cidades interioranas dos países da América Latina" (Souza, 2023). Nesse contexto, a implementação do CIS e a guinada para um modelo industrial em Feira de Santana são exemplos claros desse argumento. A feira-livre, por sua vez, era vista pelo poder público municipal como incoerente com esse projeto de modernização.

A iniciativa do poder público de retirar a feira-livre do centro da Avenida Getúlio Vargas já era planejada desde o Plano Local de Desenvolvimento Integrado de 1968, que previa a criação de um centro de abastecimento, consolidado em 1977. Araújo (2006) explica:

A implantação do Centro de Abastecimento mediante incentivos financeiros dos governos municipais e federais, contribuiu para a tentativa de estruturar

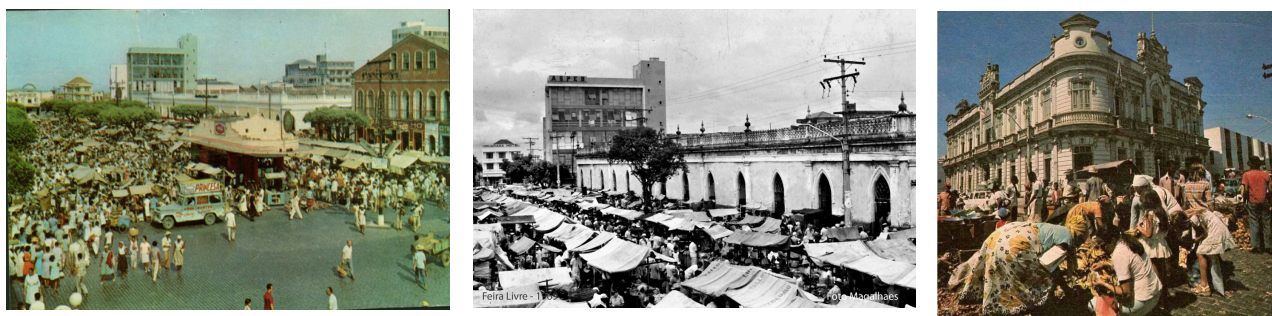
a feira nos moldes de um grande comércio atacadista-varejista. Dessa forma, percebe-se a grande importância da construção do Centro de Abastecimento, não só no sentido de organizar o centro urbano, como para definir novos espaços no comércio, em substituição da feira-livre que não cabia mais no Mercado Municipal e não devia continuar ocupando as principais vias urbanas da cidade.

A feira-livre de Feira de Santana foi removida pelo Projeto Cabana em 1977. Teles (2017) mostra que o Projeto Cabana tinha como motivação o seguinte:

"Paralelo à expansão urbana ocorreu o agigantamento da feira tradicional. Ademais, o local da feira está inserido no centro comercial da cidade, com ramificações cada vez maiores no sentido das áreas residenciais, acarretando, portanto, o estrangulamento progressivo de outras importantes atividades e serviços urbanos" (Projeto Cabana, 1977).

Durante esse processo de retirada, havia um discurso forte de modernização que buscava apagar o histórico do município ligado às feiras livres, "reorganizando o centro" e associando as feiras livres à desorganização. Kowarick (1979) argumenta que a "desordem" nas cidades não é meramente um reflexo de um planejamento urbano mal executado, mas sim uma consequência deliberada das políticas urbanas que favorecem interesses específicos em detrimento das necessidades das populações mais vulneráveis. Essa desordem planejada pode ser observada nas tentativas de expulsão dos feirantes do centro urbano para reorganizar e "modernizar" o espaço urbano, como ocorreu em Feira de Santana.

Figura 01 - Imagens da feira-livre na década de 1970



Fonte: Imagens retiradas do memorial da prefeitura de Feira de Santana:
<https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=8>

Em Freitas (2014) há uma importante discussão teórica sobre a formação territorial de Feira de Santana e seus principais aspectos de contradição a partir da leitura da produção do espaço. A autora traça a discussão a partir do conceito de "desigual e combinado" em Smith (1988), para analisar a escala e o papel do espaço urbano da cidade na ampliação do valor. Segundo a autora, entender a prática do poder público municipal em contradição às raízes e cultura da cidade faz parte do entendimento de como o capital separa e dualiza diversos outros aspectos da vida cotidiana, como o exemplo do campo-cidade. “É a urbanização que preexiste como condição para a reprodução ampliada do capital, alicerçada na relação campo-cidade; registro da oposição, contradição dialética para realização dessa síntese” (Freitas, 2014). A autora ainda completa:

Campo colocado como o outro da cidade, é completude, totalidade; cada um, representativo de uma escala específica, onde a chave da sua compreensão é a própria sociedade no seu (re)fazer histórico e geográfico. Urbano que estende a cidade para além dos seus domínios ultrapassa os limites da sede do poder político para ampliá-lo, atingindo o horizonte do campo subordinando-o, submetendo-o à sua grandiosidade. (Freitas, 2014. p. 212).

A partir dos aportes de Lefebvre (1999) e ainda Smith (1988) a autora ainda afirma que:

A discussão envolve um aspecto marcante da urbanização porque a diferenciação no interior da cidade decorrente da complexificação da divisão do trabalho desemboca na valorização do espaço, demonstrando que a renda do solo desempenha um papel fundamental na mediatização da diferenciação geográfica do espaço urbano. (Freitas, 2014, p. 212).

Freitas (2014) ainda aponta que Feira de Santana teve seu processo de urbanização a partir desse movimento de diferenciação, e que não está excluída desses aspectos, pois esse próprio movimento é intrínseco ao capitalismo. Segundo Carlos (2007a): "a existência de uma sociedade de classe que diferencia os seus membros a partir do lugar que ocupam tanto na produção quanto na distribuição de riqueza gerada, trata-se também de considerar o papel da divisão espacial do trabalho como elemento articulador/diferenciador dos lugares". Entender esses aspectos de diferenciação como momento necessário na definição do papel de cada

sujeito na divisão do trabalho é fundamental, pois assim possibilitamos também a compreensão dos interesses de classe em definir a utilização de cada espaço.

Desse modo a prática socioespacial fundada na desigualdade concreta e real propõe a realização da diferença num outro plano, contestando, de um lado, a redução do humano e da vida na cidade ao mundo da mercadoria, que produz a “cidade como negócio” (o crescimento como estratégia da reprodução espacial) e de outro, mas a ela associado, o planejamento do espaço sob a lógica do econômico posto que a condição do lugar na sua inserção à lógica global, produtora (também ela) de diferenciações, aprofunda a contradição entre espaços integrados/desintegrados à globalização, também traduzida pela contradição centro-periferia, como apontada por Soja (1993). Portanto a diferenciação se estabelece e se realiza, a partir do lugar, entre escalas e em cada uma delas. (Carlos, 2007a, p. 49).

Como já discutimos anteriormente, a produção do espaço urbano de Feira de Santana vem do processo de crescimento industrial acelerado, a partir do planejamento do estado, que tenta, através da diferenciação espacial, “modernizar” ou, se preferir, segregar, excluir, apagando o que é visto como contraditório, no caso a feira-livre, que para o capital é ainda associada ao campo, ao atrasado e à desordem.

No contexto que se está elaborando uma crítica espacial sobre a forma em que a cidade se expande, floresce o urbano em Feira de Santana, uma marca caracterizadora da formação espacial da cidade que difere do litoral: nasce do rural e transcende para urbano por conta dele. Não é cidade que surge como fortaleza, funda-se para dar proteção ao projeto colonizador, mas cidade fundada do constante pisotear dos animais que seguem para o litoral. Solo urbano que foi moldado, esculpido pelo insistente cavalgar dos tropeiros, trotar das mulas e dos rebanhos que se arrastavam em direção ao litoral, emblema da pecuária associada ao comércio, arquitetando o porvir urbano: cidade que é valor de uso, mas tão somente custo de troca no capitalismo obra de arte concreta para hospedar o processo de urbanização.

Em Feira de Santana, portanto, emerge um novo sertão. É óbvio que se defrontam duas temporalidades, confrontadas simultaneamente, porém diferenciadas: Europa Ocidental e Brasil Imperial. Nelas, as forças do capital atuam sorrateiramente, driblando meandros, transpondo obstáculos, germinando o urbano para alcançar a escala planetária. (Freitas, 2014, p. 215-216).

Oliveira (2012) nos mostra, através de sua leitura, esses aspectos da diferenciação guiada pela “modernização” em Feira de Santana. O autor fala em pagamentos feitos pela urbanização e os traços populares e sertanejos sendo alvos. O autor dá exemplo justamente sobre as ruas do centro da cidade:

A maior parte das vias, na região central, era conhecida por denominações populares, ou, mais precisamente, oriundas do uso popular. Algumas vias recebiam topônimos de acordo com a utilização que lhes era dada nos dias de feira: Beco da Esteira (eram vendidas manufaturas de cipós, de palha de ouricuri), Beco do Mocó (caças), Rua da Sola (artefatos de couro) e a Praça do Comércio, junto ao Mercado, que era o principal ponto de encontro do conclave semanal. A caminhada pelos antigos nomes podia lembrar, ainda, órgãos que ocupassem os logradouros, a Praça da Cadeia, Beco do Ginásio, Beco do Asilo. Ou ainda pela posição em relação à organização da cidade: a Rua Direita, Rua do Meio. Outra, pelo papel ocupado no meretrício, de Baixo [...] As novas motivações em que se pautavam as escolhas, longe das descrições, objetivavam consolidar memórias em torno de alguns vultos/símbolos nacionais, figuras da história local ou, como pode ser visto em vários casos, homenagens a pessoas que tivessem dirigido a ereção de alguma obra em Feira de Santana. A nominação feita com estes sentidos tirava de cena as formas de uso da cidade, apagava memórias surgidas do comércio popular, dos chistes urbanos. A preocupação em afastar nomes, os descritivos e eventuais chistes, já estava nas mentes dos vereadores desde a década de mil novecentos e vinte, como pode ser observado no seguinte parecer exarado pela comissão de infra-estrutura do Conselho Municipal. (Oliveira, 2012. p. 220-221.)

A análise de Ferreira Filho (1998) em "Desafricanizar as ruas" oferece um paralelo interessante para entender o processo de modernização em Feira de Santana e a expulsão dos feirantes da feira livre. Em Salvador, como discutido por Ferreira Filho, os projetos urbanísticos do final do século XIX e início do século XX eram marcados pelas "fantasias modernizantes" das elites, que buscavam apagar aspectos e características que remetiam à população preta da cidade. Essas iniciativas incluíam políticas higienistas e racistas que intensificaram a segregação e marginalização dessa população.

Aplicando essa análise ao contexto de Feira de Santana sua urbanização associada ao investimento industrial a partir da década de 70, podemos observar semelhanças nas motivações e impactos dos projetos modernizantes. As elites de Feira de Santana, ao promoverem a modernização da cidade, também visavam criar uma nova imagem urbana que refletisse ideais de progresso e civilização, frequentemente associados a modelos europeus e cosmopolitas. Esse processo envolvia a remoção de elementos considerados indesejáveis ou incompatíveis com a nova ordem urbana, incluindo os feirantes da tradicional feira livre.

Assim como em Salvador, onde os projetos urbanísticos buscavam "desafricanizar" as ruas, em Feira de Santana a modernização pode ser vista como uma tentativa de "disciplinar" o espaço urbano e moldar as práticas sociais de acordo com os padrões desejados pelas elites. Esse movimento não apenas desconsiderava a importância cultural e econômica das feiras livres, mas também contribuía para a marginalização e exclusão de segmentos significativos da população.

A intensificação das políticas higienistas e a expulsão dos feirantes em Feira de Santana refletem uma lógica de segregação semelhante à observada por Ferreira Filho em Salvador. Essas políticas não apenas reconfiguram o espaço físico da cidade, mas também reforçaram hierarquias sociais e raciais, promovendo a exclusão daqueles que não se encaixavam na visão modernizadora das elites.

3. FEIRA DA MARECHAL: Modernização e Resistência

Após a remoção da feira-livre do centro da cidade e a construção do Centro de Abastecimento, os feirantes, ambulantes e camelôs resistiram ao processo de expulsão. A partir disso, houve um processo gradual de retorno de diversos trabalhadores que não aceitaram de forma alguma ir ao Centro de Abastecimento, seja por não conseguirem se manter, seja por outros novos trabalhadores que não foram incorporados por trabalhos formais e foram para as ruas comercializarem seus produtos.

Segundo Teles (2017), na década de 1980, houve um grande esvaziamento das ruas do centro da cidade, que, aos poucos, foram “invadidas” – termo frequentemente utilizado pela mídia e pelo poder público local –, tendo suas calçadas “revitalizadas” e resignificadas pelos trabalhadores informais. Na Rua Sales Barbosa, houve ocupação de camelôs ligados à venda de roupas e tecidos. Na Avenida Senhor dos Passos e Rua Conselheiro Franco, o comércio foi voltado para eletrônicos e produtos popularmente conhecidos como “paraguaios”. Na Rua Marechal Deodoro, objeto específico de nossa análise, os feirantes de frutas, legumes e hortaliças, principalmente remanescentes da feira-livre, ocuparam o espaço.

O processo de retorno dos feirantes, em específico, gerou diversos debates na mídia hegemônica de Feira de Santana, que temia o retorno do que chamavam de “desordem” e convocavam o poder público para “reorganizar” novamente o centro. Esses debates refletiam a tensão entre a tentativa de modernização e organização urbana promovida pelo governo e a resistência dos trabalhadores informais que buscavam manter suas atividades comerciais no centro da cidade. A mídia local frequentemente utilizava uma narrativa que associava a presença dos feirantes à desorganização e à falta de controle, pressionando as autoridades a adotarem medidas de remoção e repressão.

Essa dinâmica entre o poder público, a mídia e os trabalhadores informais ilustra um conflito persistente sobre a ocupação e uso do espaço urbano em Feira de Santana, onde diferentes interesses e visões sobre a cidade entraram em choque. A insistência dos feirantes em retornar ao centro, apesar das tentativas de expulsão, demonstra a resiliência e a necessidade econômica desses trabalhadores, que encontravam nas ruas uma forma de sustento e uma maneira de se inserirem no contexto urbano.

A feira da Rua Marechal Deodoro cresceu de forma exponencial e, na década de 1990, já se tornava a principal feira da cidade de Feira de Santana. Segundo Teles (2021), o poder público retornou com diversos discursos e tentativas frustradas de retirar os feirantes novamente, através de hostilidade e violência, utilizando-se de perseguições conhecidas como "rapas". Porém, em 2020, em plena pandemia, a Prefeitura Municipal de Feira de Santana implementou o projeto Novo Centro.

Tabela 1: Projetos de intervenção urbana no centro de Feira de Santana:

Ano	Projeto	Descrição
1976	Projeto Cabana	Planejado para remover a feira livre do centro da cidade, levando-a para o Centro de Abastecimento, inaugurado em 1977
1980	Reforma da Rua Salles Barbosa	Construção do calçadão da rua Sales Barbosa para facilitar o trânsito de pedestres e atrair clientes ao comércio formal
1988	Projeto Centro	Projeto propôs um redesenho urbanístico da área central, com intervenções como alargamento de ruas, reestruturação de calçadas e pavimentação.
1990	Reestruturação do Mercado Municipal em Mercado de Arte Popular	Reforma do Mercado Municipal e sua conversão em um espaço voltado para a arte, cultura e turismo.
1994-1996	Organização do "Feiraguay"	Proposto pela prefeitura em 1990, o projeto visava a realocação dos ambulantes e camelôs da Rua Sales Barbosa para um camelódromo. O espaço foi consolidado em 1996 como o "Feiraguay"
2013	Pacto da Feira	Plano de requalificação do centro comercial, incluindo padronização das barracas de camelôs, implantação da Zona Azul para estacionamento, e a transferência de parte dos feirantes para o Shopping Popular.

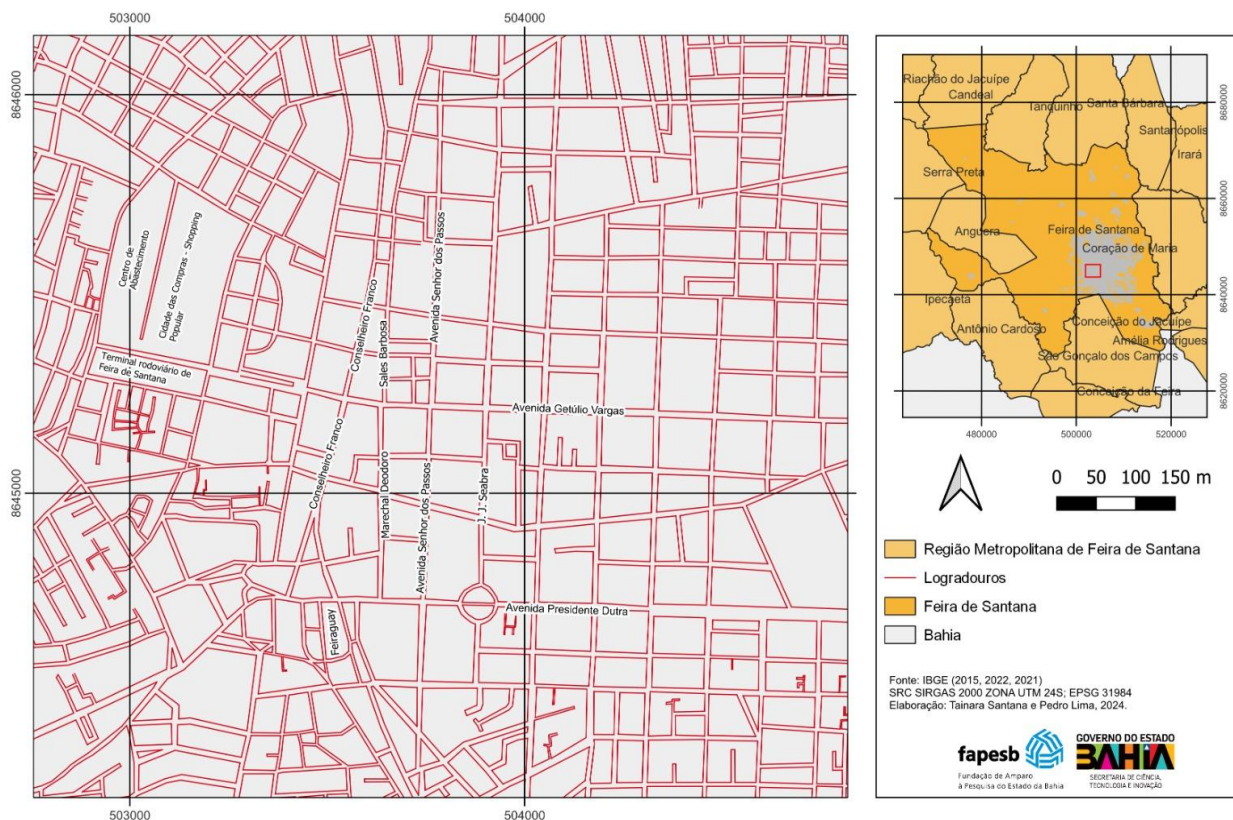
2020	Projeto Novo Centro	Iniciado para requalificar e revitalizar o centro, abrangeu a modernização de ruas como Marechal Deodoro, Sales Barbosa, Conselheiro Franco e Avenidas Senhor dos Passos, entre outras, visando a reestruturação urbanística e comercial
------	---------------------	--

Fonte: Feira de Santana (2013,2020); Nery (2023); Teles (2017); Org.: Autor (2024).

O projeto Novo Centro, implementado em 2020, encontrou desde o início uma forte resistência por parte de movimentos sociais e dos próprios trabalhadores que seriam afetados pela sua execução. O poder público recorreu a diversas formas truculentas, incluindo o uso da força do estado para reprimir os trabalhadores que se recusaram a se retirar para as obras de requalificação das ruas. É importante ressaltar que essas ações ocorreram em um momento delicado, durante o auge da pandemia de COVID-19 que assolou o mundo inteiro.

As primeiras intervenções do projeto foram realizadas em abril de 2020, quando ocorreu a remoção das barracas e objetos de trabalho dos trabalhadores das ruas Conselheiro Franco, Recife, Sales Barbosa e Praça Bernardino Bahia. Essas ruas abrigavam comerciantes informais ligados ao comércio de roupas e eletrônicos, o que não gerou grandes conflitos devido à promessa de realocação para o camelódromo, também conhecido como shopping popular. No entanto, a situação foi diferente na Rua Marechal Deodoro, onde as obras começaram apenas em 2021 e previam a remoção de toda a feira-livre, sem oferecer propostas concretas de realocação para os trabalhadores. Isso resultou em conflitos intensos entre os trabalhadores e a classe dominante, representada pelo poder público municipal.

Mapa 01 - Localização principais ruas do centro de Feira de Santana



Apesar do novo projeto de requalificação não visar retirar apenas os feirantes da Rua Marechal Deodoro, mas sim de todas as ruas do centro novamente, o projeto focou em atacar de forma sistemática e intensificou os discursos higienistas para essa rua. A resistência dos feirantes e dos movimentos sociais demonstrou a complexidade do processo de requalificação urbana, onde as demandas econômicas e sociais dos trabalhadores informais colidem com os planos de modernização e ordenamento urbano do poder público. Segundo própria nota oficial da prefeitura em plenas manifestações dos feirantes o centro da cidade estava “favelizado” e manifestações contrária à retirada dos trabalhadores eram retrocesso:

Manifestações pela permanência de feirantes no centro da cidade, sob o pretexto de “manter uma tradição” que chegou ao fim há quase 50 anos com a construção do Centro de Abastecimento; manifestação para manter o

centro favelizado, incoerente com o desenvolvimento da cidade.[...] “lutando” por uma Feira de Santana que retroceda 50 anos no tempo e que não avance para a modernidade. (Prefeitura Municipal de Feira de Santana, 2021).

Figura 02 - Nota Oficial da Prefeitura Municipal de Feira de Santana



Fonte: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Nota-Oficial:-Manifesta%C3%A7%C3%B5es-querem-Feira-retrocedendo-no-tempo.html&id=1&link=secom/noticias.asp&idn=28472#noticias>.

Além de seu conteúdo higienista e com aspectos racistas, para entender a permanência do discurso de modernização em e Feira de Santana do projeto cabana ao projeto Novo Centro, é essencial considerar o contexto maior da escala de transformação urbana. Para Carlos (2007b) A globalização e a mundialização, conforme discutidas pela autora, revelam dimensões econômicas e sociais profundas que afetam a urbanização. A mundialização, em particular, permite refletir sobre a construção de novos valores e modos de vida, frequentemente resultando em transformações significativas no tecido urbano e social das cidades .

Nesse contexto, projetos como o Novo Centro podem ser vistos como parte de uma tendência maior de homogeneização e fragmentação do espaço urbano. A tendência à homogeneização visa criar espaços urbanos modernos e eficientes, muitas vezes à custa da

diversidade cultural e social que caracteriza locais como o centro de Feira de Santana. Ao mesmo tempo, esse processo frequentemente leva à fragmentação social, onde comunidades e indivíduos que não se encaixam na nova visão de modernidade são marginalizados .

A resistência dos trabalhadores, portanto, pode ser interpretada como uma forma de intervenção na lógica dominante da globalização urbana. Eles não estão apenas lutando pela permanência física no centro da cidade, mas também pela preservação de suas identidades e modos de vida, que estão intrinsecamente ligados ao espaço que ocupam. Como Carlos (2007b) destaca, "o espaço se constitui numa articulação entre o local e o mundial", o que significa que a luta local dos feirantes é, em essência, uma resistência a tendências globais de urbanização que desconsideram as especificidades locais .

Além disso, a autora argumenta que é crucial pensar no papel do indivíduo e da coletividade na resistência e intervenção no mundo moderno. Os feirantes de Feira de Santana, ao resistirem ao projeto Novo Centro, estão exercendo seu direito de intervir no processo de intervenção que os afeta diretamente. Eles estão defendendo um modo de vida que, apesar de ser rotulado como um retrocesso pela prefeitura, representa uma resistência significativa à fragmentação e marginalização imposta pela modernização urbana.

A resistência dos trabalhadores no processo de avanço do capital, através do poder público, sobre as suas formas de sustento foi essencial para a permanência desses trabalhadores na feira até os dias atuais. Esses trabalhadores, por meio de organização e consolidação, formaram uma associação chamada "A Feira da Marechal Fica". Esta associação foi fundamental para a conquista do reconhecimento oficial da feira livre da Marechal Deodoro como patrimônio imaterial cultural do município, através da Lei Municipal Nº 397/2022. Esse reconhecimento impossibilita, pelo menos de forma oficial, qualquer projeto que vise remover os feirantes da rua.

A lei veio como uma vitória significativa após anos de lutas e conflitos com o poder público. Os trabalhadores, ao longo dos anos, enfrentaram diversas tentativas de remoção e políticas de higienização urbana que visavam modernizar o centro da cidade às custas da exclusão de trabalhadores informais. A mobilização e resistência contínuas dos feirantes não

apenas protegem seus meios de subsistência, mas também preservaram a memória e a cultura local, representadas pela tradicional feira livre.

Figura 03 - Jornal local destaca projeto de lei que torna a feira patrimoni



Fonte: <https://www.acordacidade.com.br/feira-de-santana/projeto-de-lei-torna-feira-da-marechal-como-patrimoni-o-cultural-imaterial-de-feira-de-santana/>

Entendemos que essa conquista é importante, mas também reconhecemos que o estado burguês tende a beneficiar o capital. As políticas públicas frequentemente consideram a cultura popular feirante como um entrave para o progresso. A vitória dos feirantes, ao garantirem o status de patrimônio imaterial, representa um marco na luta contra essas políticas excludentes. No entanto, a vigilância e a mobilização contínuas são necessárias para garantir que os direitos conquistados sejam mantidos e que os trabalhadores não sejam novamente marginalizados em nome do desenvolvimento urbano.

A conquista do status de patrimônio imaterial destaca a importância da feira não só como um espaço econômico, mas também como um espaço cultural e social vital para a comunidade. A feira da Marechal Deodoro, com suas raízes profundas na história e cultura de Feira de Santana, simboliza a resistência contra a marginalização e a força da coletividade em proteger seu legado. Este reconhecimento é um marco na luta dos trabalhadores informais e serve como um exemplo de como a organização comunitária pode influenciar políticas públicas e garantir direitos através da cotidianidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Ribeiro (2018),

Compreender a resistência como prática socioespacial é um meio de retomar e dar sentido à proposta de um pensamento-ação, que é aquele que pretende por em relevo os resíduos que podem conter o possível. É simultaneamente expor momentos que fogem do repetitivo, embora não adquiram visibilidade, e invocar a necessidade neste momento da história de pensar as leituras sobre os processos de resistência.

Como discutimos no texto, traçando a história do processo de urbanização de Feira de Santana da década de 1960 à atualidade, e o discurso de modernização intrínseco a um higienismo que visa apagar aspectos da cultura popular na cidade, vimos que a resistência dos feirantes se mostra como uma barreira nesse projeto capitalista de liquidar o que há de popular. A resistência dos feirantes demonstra como sujeitos em suas lutas cotidianas são importantes e ativos na produção do espaço urbano, evidenciando a necessidade de construção de uma utopia possível.

Esta compreensão nos permite vislumbrar um futuro onde a cidade é conduzida de forma inclusiva, respeitando e valorizando as diversas culturas que compõem a cidade, e garantindo que as vozes dos trabalhadores continuem a ser ouvidas e respeitadas.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alessandra Oliveira. Redes e centralidade em Feira de Santana (BA) – O centro de abastecimento e o comércio de feijão. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL. *Revista Cidades*, 2007a.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: HUCITEC, 2007b.

CARVALHO, A. D. da S. Feira de Santana e o comércio do gado. *Boletim Paulista de Geografia*, [S. l.], n. 28, p. 14–36, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1277>. Acesso em: [data de acesso].

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. Desafrikanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador 1890-1937. *Afro-Ásia*, n. 21-22, 1998.

FREITAS, Nacelice Barbosa. Modernização industrial em Feira de Santana: uma análise da implantação do Centro Industrial do Subaé – CIS. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 41, p. 139-160, jul./dez. 2009.

FREITAS, Nacelice Barbosa. O descoroamento da Princesa do Sertão: de "chão" a território, o "vazio" no processo de valorização do espaço. 2014. 416 f. Tese (Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

KOWARICK, Lucio. Espoliação urbana. São Paulo, Paz e Terra, 1979.

NERY, Bárbara Karolynne de Souza. Feira de Santana: o redesenho e a (re) construção da imagem da cidade a partir do Projeto “Novo Centro” (2020-2022). 147 f. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana-Ba, 2023.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960. 2011. 298 f., il. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

RIBEIRO, Fabiana Valdski. A prática socioespacial da resistência. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SANTOS, César Simoni; ALVAREZ, Isabel Pinto (org.). *Geografia crítica: teoria e método*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 53-64.

SOUZA, Camila Ferreira de. Golpe de Estado e planejamento em Feira de Santana, Bahia, Brasil (1964-1967). *Revista Trilhas da História*, v. 13, n. 25, p. 273-295, 2023.

TELES, Alessandra Oliveira. O comércio informal em Feira de Santana (BA): permanências e mudanças. 2017. 274 f. Tese (Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

TELES, Alessandra Oliveira. Luta camelô: contradições e conflitos. In: **VI ENGEPECT**, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS. ARAUJO, Alessandra Oliveira. Redes e centralidade em Feira de Santana (BA) – O Centro de Abastecimento e o Comércio de Feijão. Salvador – Bahia, janeiro 2006. Dissertação.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA. Nota Oficial: Manifestações querem Feira retrocedendo no tempo. 21 out. 2021. Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Nota-Oficial:-Manifesta%C3%A7%C3%B5es-querem-Feira-retrocedendo-no-tempo.html&id=1&link=secom/noticias.asp&idn=28472#noticias>.